ISSN: 2358-8829

A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO METAFÓRICO NA TRADUÇÃO DE POEMAS EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA LIBRAS – LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.

Viviane Ramalho Cavalcante de Sousa[1]

Danielle Cristina Mendes Pereira Ramos[2]

RESUMO

Este artigo dispõe sobre um tema de bastante relevância para a área dos estudos linguísticos de tradução e a Educação de Surdos no Brasil, a saber, aspectos metafóricos nos processos tradutivos do par linguístico Libras - Português, dentro de contextos educativos. Nosso objetivo é contribuir para que tradutores-intérpretes educacionais, em espaços de educação de pessoas surdas, possam refletir sobre possibilidades a serem construídas com o foco na tradução da linguagem metafórica presente em textos de Libras. Pretendemos promover visões acerca da linguagem metafórica, explorando sua face crítica. Assim, nosso quadro teórico baseia-se nos estudos sobre Linguagem Metafórica, contemplando os estudos de George Lakoff e Mark Jonhson (1980) e os Estudos de Letramentos Críticos (Monte- Mór, 2019), pois se defende uma visão da tradução que engloba, também a compreensão crítica do mundo (Monte- Mór, 2019). O trabalho é desenvolvido a partir de uma experiência de tradução de um poema de Conceição Evaristo, “Tantas Estrelas” (2018), em homenagem póstuma à ex-vereadora do Município do Rio de Janeiro, Marielle Franco. Nosso interesse foi explorar e compreender como podem se constituir sentidos para as construções metafóricas presentes no texto, e, ao mesmo tempo, refletir criticamente sobre questões ligadas ao racismo no Brasil.

Palavras-chave: Metáforas, Libras, Letramentos, Tradução, Surdos.

INTRODUÇÃO

O interesse nesse aspecto da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, as expressões metafóricas, surge a partir da experiência e convivência do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais - Português (TILSP) no dia a dia da sala de aula. O uso da Língua principalmente no cotidiano e de forma espontânea, é especialmente atraente. No entanto, pode ser desafiador, quando essas expressões metafóricas são construídas dentro da prática dos estudos de tradução. Esta pesquisa visa refletir sob a ótica dos Letramentos Críticos para melhor debate acerca do tema.

A partir disso, determinamos como objeto da nossa pesquisa a Libras, a língua da Comunidade Surda no Brasil. Como objeto central do nosso estudo, as metáforas em

[1] Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Educação Bilíngue do Instituto de Educação de Surdos - INES, vcavalcante@aluno.ines.gov.br;

[2] Professora orientadora: Doutora em Literatura Comparada, Universidade Federal Fluminense – UFF, danielle@letras.ufrj.br

ISSN: 2358-8829

Libras, sob uma perspectiva de prática de Letramentos e de pesquisa na área de Tradução em Educação Bilíngue. Nosso interesse é perceber como esses objetos de pesquisa se compõem para transmissão de sentidos e significados numa experiência de tradução do Poema "Tantas Estrelas" adaptado em homenagem a ex-vereadora do Município do Rio de Janeiro, Marielle Franco, escrito por Conceição Evaristo. O que se pretende aqui é uma proposta de tradução que sob uma perspectiva dos Letramentos Críticos traga reflexões sobre pertencimento do Povo Negro Afrobrasileiro.

O estudo das metáforas em Libras objetiva enriquecer a qualidade do trabalho árduo, porém impactante do Tradutor/Intérprete de Libras que transita entre os dois pares linguísticos – a Língua Portuguesa (LP) e a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) com a contribuição da corrente teórica da Linguística Aplicada (LA) que tem sua principal característica sua capacidade de vincular diversas áreas de estudos de modo interdisciplinar abarcando também os Estudos de Tradução que é de suma relevância para o desenvolvimento do nosso tema. O resultado desta proposta de Tradução é disseminar conhecimento ao público que aqui se destina, a Comunidade Surda Brasileira. Esta pesquisa é fruto de um projeto de pesquisa relacionado ao Mestrado Profissional Bilíngue do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES e Departamento de Ensino Superior – DESU. A linha de pesquisa que está inserida é Língua e Linguagens.

METODOLOGIA

Esta pesquisa propõe explorar a linguagem metafórica da Língua Brasileira de Sinais (Libras) na tradução do poema "Tantas Estrelas" em homenagem póstuma a Marielle Franco, de Conceição Evaristo, adotando uma abordagem ancorada no letramento crítico. Este estudo visa não apenas à tradução linguística, mas também refletir sobre as possibilidades de construção no campo da tradução cultural e ideológica do poema, reconhecendo as especificidades da Libras e o contexto sociopolítico em que a obra e a figura política e pública da Marielle Franco estão inseridas. A metodologia empregada será a revisão bibliográfica, refletindo os avanços recentes tanto nos estudos de tradução quanto no letramento crítico e na análise de Libras.

O método de revisão bibliográfica será instrumental para compilar e analisar o corpus teórico existente que intersecciona os campos da tradução do letramento crítico, dos estudos de Libras e da poesia engajada. Esse processo permitirá uma compreensão

ISSN: 2358-8829

aprofundada das nuances envolvidas na tradução de obras poéticas para a língua de sinais, sob uma perspectiva que valoriza as dimensões estética, cultural e política da tradução.

Através de uma pesquisa-ação, pretendemos identificar estratégias possíveis na construção do pensamento metafórico empregadas na tradução do poema de Conceição Evaristo escrito em Língua Portuguesa para Libras, destacando como a linguagem metafórica e os aspectos culturais e ideológicos são reinterpretados e contextualizados na Língua Brasileira de Sinais – a Libras. O objetivo é revelar o potencial da tradução de Libras como prática letrada crítica que contribui para a visibilidade de vozes marginalizadas e para a discussão sobre direitos humanos e memória social na contemporaneidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

A definição que usaremos neste artigo para conceitualizar o que são Metáforas foi reformulada por dois linguistas considerados insignes nos Estudos de Linguagem, George Lakoff e Mark Johnson (1980). É uma das bases teóricas mais influentes para entender a linguagem metafórica. Lakoff e Johnson (2002) refletiram sobre suas formas e usos, relacionando como as metáforas refletem e reproduzem as visões de mundo de uma comunidade. Por meio delas, somos capazes de compreender e exemplificar conceitos abstratos e complexos que possibilitem compor o nosso pensamento. Também nos permitem relacionar um conceito altamente estruturado e claramente delineado para representar um outro, isto é, um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro.

Segundo Lima (2003) durante séculos as metáforas foram consideradas como parte da linguagem poética, admitida exclusivamente nos gêneros considerados literários. Sendo assim, acreditava-se que as metáforas deveriam ser evitadas na linguagem comum, ou seja, a linguagem de todos. Seus estudos colaboram para a quebra deste estigma, derivado de correntes teóricas mais tradicionais que consideram a mente mais literal do que metáfora. Sendo assim, a linguagem metafórica “não é mais considerada algo desviante, marginal ou periférico, mas sim um fenômeno central na linguagem e no pensamento, sendo onipresente em todos os tipos de linguagem, cotidiana e científica inclusive” (LAKOFF, JOHNSON, 2002, 21).

Sendo assim, para Lakoff e Johnson (1980):

ISSN: 2358-8829

> "(...) a metáfora, cuja essência é entender e experimentar um tipo de coisa no lugar de outra, é um recurso que facilita a conceitualização, estruturação do significado e é, por isso, um fator ativo no processo cognitivo, ou seja, na nossa compreensão do mundo." (Lakoff e Johnson 1980, 41).

Portanto, a linguagem metafórica é uma forma de expressão que se utiliza de comparações óbvias para transmitir significados para além do sentido literal das palavras. Ela é uma poderosa ferramenta comunicativa, permitindo que ideias abstratas, complexas ou abstratas sejam compreendidas e visualizadas de maneira ainda mais vívida e impactante.

Alguns autores que acreditam e defendem a universalidade de muitas metáforas, principalmente as primárias, por serem fruto do experimentalismo, são: Lakoff e Johnson (1980), Johnson (1987), Kovecses (2002), Grady (1997). Essa hipótese teórica da universalidade de determinadas metáforas ganha força, principalmente nos estudos da linguística cognitiva. Contudo, ela revela-se muito polêmica, na área dos estudos de linguagem. Gibbs (1999), por exemplo, refuta a ideia de que experiências corpóreas aparentemente universais possam ser interpretadas, do mesmo modo, em diferentes culturas. Assim, ele argumenta que:

> "Não se pode falar sobre ou estudar cognição sem considerar nossas interações específicas corporificadas com o mundo cultural (o que quer dizer que o mundo físico é indissociável do cultural, no sentido de que, o que entendemos como significativo no mundo físico é altamente limitado pelas nossas crenças e valores culturais)" (GIBBS, 1999, 153).

É razoável, então, admitirmos que apesar da possibilidade de termos experiências corpóreas universais, mesmo assim, isto se daria dentro de um conjunto de pressuposições socioculturais contextualizadas. Assim, ampliamos a noção nossa concepção de corporeidade, situando a cognição em contextos determinados socio-culturalmente e enfatizando a especificidade cultural, bem como a relatividade linguística. Nessa concepção de natureza cultural estariam as metáforas complexas, já que um determinado domínio complexo experimental não se encontra igualmente disponível para um mapeamento metafórico em todas as culturas e línguas, já que essas não são únicas nem universais.

O letramento crítico, portanto, orienta-se por uma dinâmica interpretativa na qual os significados emergem numa interação dialética com o contexto sociocultural, histórico e de dominação vigente. Tal abordagem reconhece o potencial transformador da leitura,

ISSN: 2358-8829

capacidade que transcende a mera compreensão do mundo para possibilitar a reformulação da posição social do indivíduo, caso este assim opte. Como diria Paulo Freire, “a leitura de mundo antecede a leitura da palavra.” (FREIRE, 1981).

Conforme articulado por Meneses de Souza (2011), a leitura crítica implica a execução de dois processos concomitantes e indissociáveis: (1) a identificação das intenções do autor e dos significados textuais, ambos enraizados em seu contexto e herança sócio-histórica, e (2) o reconhecimento de como nossa interpretação desses significados, assim como o contexto em que eles são percebidos, são intrinsecamente ligados ao nosso próprio âmbito sociocultural e às significações que nele desenvolvemos.

Dessa maneira, o letramento crítico, conforme definida pelo autor supracitado, envolve a compreensão, análise e crítica das interconexões entre textos, escritores, leitores, esferas de poder, idiomas, coletividades e práticas sociais, questionamentos que se fazem especialmente relevantes no âmbito educacional. Menezes de Souza (2011) salienta que a alfabetização crítica deve transcender a simples compreensão textual, aspirando também compreender como o texto e suas interpretações se relacionam com o mundo, nos termos de Paulo Freire. Tal premissa é vital no contexto de tradução e interpretação da Língua Brasileira de Sinais, onde tanto os Surdos quanto ouvintes visam a expansão do conhecimento de forma crítica e interrelacional.

A teoria dos letramentos oferece insights valiosos para o setor educacional, sublinhando que o saber e as relações socioculturais são construídos mediante práticas contextualizadas. Zacchi (2014) argumenta que a proposta dos novos letramentos não deve ser encarada como substituta de metodologias preexistentes, nem como busca por soluções definitivas. Essa visão sugere que os novos letramentos fornecem oportunidades para o desenvolvimento mútuo de discentes e docentes em ambientes diversificados, ao mesmo tempo que cultivam cidadãos capazes de analisar criticamente sua posição social, enfrentar incertezas e adotar posturas críticas na tomada de decisões.

É imperativo que os educandos Surdos tenham acesso aos mesmos instrumentos pedagógicos que os ouvintes, enfrentando desafios análogos. Afetados pela presente globalização, esses discentes, em contínua evolução crítica, tem o potencial de oferecer contribuições significativas à sua Comunidade. Daí a necessidade das demandas de traduções.

Neste contexto, a Linguística Aplicada (LA) contemporânea, reconhecida como uma prática politizada, distingue-se pela sua natureza "transgressora e crítica”. Atualmente, a LA é considerada uma ciência social, conforme destacado por Pennycook

ISSN: 2358-8829

(1998), marcando sua independência em relação à Linguística Tradicional, concebida nos anos 1970, onde o linguista assumia primariamente o papel de intermediário entre a linguística teórica e o processo de ensino e aprendizagem de línguas.

Sob essa perspectiva, as sociedades apresentam estruturas desiguais, sendo dominadas por culturas e ideologias hegemônicas que restringem nossa capacidade de reflexão sobre o mundo e, por consequência, sobre as possibilidades de transformá-lo. Isso nos convence de que a Língua está intrinsecamente relacionada tanto à perpetuação dessas disparidades quanto às oportunidades de modificá-las. Portanto, incumbe à LA investigar as fundações ideológicas do conhecimento que geramos, conforme articulado por Pennycook (1998).

Estudiosos têm destacado a importância de integrar os conhecimentos daqueles situados nas periferias sociais, cujas experiências enriquecedoras poderiam significativamente impulsionar o avanço da pesquisa em Linguística Aplicada (LA). Tradicionalmente, a figura central na LA tem sido retratada de maneira genérica, desprovida de gênero, etnia ou identidade sexual, ou, quando muito, caracterizada por atributos estáticos nestas dimensões, aprisionada em representações que mais espelham expectativas externas do que refletem espaços de formação social. Em particular, a Comunidade Surda encontra-se entre esses grupos marginalizados, frequentemente sujeitos ao preconceito linguístico devido à sua forma distinta de comunicação. A inserção de novas práticas sociais no âmbito educacional promete beneficiar tais indivíduos, conforme ressalta Moita Lopes (2006).

Moita Lopes (2002) argumenta que indivíduos relegados à margem do discurso científico, historicamente construídos como "outros" por uma perspectiva ocidental, têm buscado reivindicar seu direito à voz como uma forma legítima de contribuir para a construção do conhecimento e a organização social. Esta postura desafia a rigidez do conhecimento científico convencional, que muitas vezes desconsidera as vivências diárias das pessoas e relega seus saberes a mero senso comum.

No entanto, a Comunidade Surda vem se esforçando para fazer-se ouvir, um movimento que ganha cada vez mais visibilidade social, ainda que persistam desafios significativos no âmbito educacional da Língua Brasileira de Sinais - Libras. A LA pode beneficiar-se consideravelmente deste movimento, incorporando as dimensões culturais, históricas e sociais desses indivíduos para enriquecer os processos de aprendizado com uma perspectiva crítica e intercultural.

ISSN: 2358-8829

Pesquisadores como Lacerda, Caporali e Lodi (2004) evidenciam lacunas na formação de profissionais que futuramente atuarão como educadores e intérpretes, impactando diretamente a qualidade do ensino de Libras e, por consequência, a educação dos Surdos. Conforme relatado por estes autores, há uma discrepância entre as diretrizes oficiais e as práticas educacionais em Libras, frequentemente marcadas por um ensino fragmentado e descontextualizado da Língua Portuguesa.

Essa realidade aponta para a urgência de uma revisão dos paradigmas educacionais, promovendo uma tradução de Libras que seja dinâmica, contextualizada e sensível às especificidades culturais e linguísticas dos Surdos. A globalização, acelerando as trocas de conhecimento, demanda um pensamento crítico que inove os métodos de tradução de Libras, levando em consideração seus contextos socioculturais e desafiando os paradigmas tradicionais sustentados por relações de poder obsoletas. Monte Mór (2018) ressalta a importância de um letramento crítico que reconhece o caráter político da linguagem dentro das dinâmicas de poder.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observe, a seguir, a tradução do Poema “Tantas Estrelas” recitado pela Autora e Poetisa Conceição Evaristo em homenagem a ex-vereadora da cidade do Rio de Janeiro, Marielle Franco, assassinada brutalmente em março de 2018:

Proposta de Tradução do Poema Tantas Estrelas da Autora Conceição Evaristo	
“Não, nós nos negamos a acreditar que um corpo tombe vazio e se desfaça no espaço feito poeira ou fumaça adentrando-se no nada dos nadas nadificando-se Por isso, na solidão desse *banzo* antigo rememorador de todas e de todos, os que de nós já se foram é no espaço de nossa dor que desenhamos a sua luz-mulher – Marielle Franco – E as pontas de sua estrela enfeitarão os dias que ainda nos aguardam e cruzarão com as pontas das pontas de outras estrelas, habitantes que nos guiam, iluminando-nos e nos fortalecendo na constelação de nossas saudades - Conceição Evaristo”	
Poetisa faz homenagem em um evento em Paris adaptado do seu poema "Tantas são as estrelas".	Vídeo Traduzido e Adaptado pela Pesquisadora

ISSN: 2358-8829

No primeiro momento, a interpretação da tradutora traz nas expressões não manuais, as expressões faciais, um dos parâmetros fundamentais presentes na estrutura da Língua de Sinais, os sentimentos expressos pelas palavras da autora na primeira frase do poema que leva o seu nome por título, a incredulidade do ocorrido e logo em seguida a manifestação de extrema indignação.

A partir daí, cria-se uma ideia metafórica sobre a morte, que acompanha o desenvolvimento da primeira parte desde poema, o conceito de "vazio, o nada, nadificar-se" como descreve a autora após o anúncio de morte, que abarca o sentimento de falta e perda mencionado no poema. A tradutora utiliza-se de diferentes sinais destinados para o conceito de nada: evaporar, sumir, esvaziar-se, dando-lhes ênfase tal como no verso original. Em seguida, o poema mantém sua linguagem metafórica ao comparar a não existência com "poeira" e com "fumaça", ambas denotam seu efeito biológico de desaparecer, a invisibilidade, o "nada". Na tradução em Libras, percebe-se na sinalização e nas expressões não- manuais da tradutora este efeito "vaporizador" descritos no poema.

Neste segundo momento, narra-se uma memória antiga que vem à tona como relembrança de todos os homens e mulheres que antecederam Marielle Franco – a autora não os cita especificamente, mas fica claro que se trata daqueles que de algum ou outro modo lutaram pelos direitos de raças, gêneros e classes.

Uma das partes mais complexas desta tradução foi representar com fidedignidade o conceito de "*banzo*" palavra de origem africana. O *banzo* se trata do sentimento de melancolia e de nostalgia dos escravizados, advindos da perca da sua liberdade. Segundo Oliveira Mendes, muitos escravos chegavam ao ponto de até morrerem de *banzo*, deixando-se levar de modo passivo por este sentimento profundo de tristeza e aflição, preferindo uma morte voluntária a condição de escravos. (ODA, 2007)

Sinalizar essa emoção sentida pelos escravizados foi um grande desafio nesta tradução. A despeito disso, o conceito de *banzo* pôde posteriormente ser alargado nos Estudos da Diáspora Africana, como uma herança reflexiva dos que lutam pelos direitos das pessoas negras e afrodescentes seja no Brasil ou em outros Países que tiveram como principal meio de enriquecimento econômico a mão de obra escravocrata. Não obstante, alguns estudos mostram que o Brasil ainda não evoluiu muito quando se trata das mortes de corpos negros advindos das periferias, como é o caso da nossa homenageada Marielle Franco. A tradução aqui produzida

ISSN: 2358-8829

tenta transmitir o sentimento de angústia e desgosto pela desvalorização das vidas negras ao refletirmos na morte de muitos homens e mulheres, negros e negras, que tiveram a sua humanidade negada.

O ponto alto desta tradução é quando em meio essa revisitação de memórias encontra-se uma luz, que nos é revelada – Marielle Franco – iluminando muitos homens e mulheres que nela se inspiraram para lutar e resistir num exercício de cidadania e reivindicação dos seus direitos. Na conclusão, temos a mais potente das metáforas, a própria Marielle Franco como representação de uma “estrela” que guia e orienta os que nela se espelham se unindo a outras estrelas. O clímax do poema uma “constelação de estrelas” representando todos os que iguais a ela, não se renderam e que suas histórias de lutas e resistências muito nos inspiram, iluminando-nos.

Entender a maneira como os Surdos constroem seu conhecimento requer a compreensão de que a Língua Brasileira de Sinais é única, não se limitando a uma simples tradução literal de significados. Bakhtin (2010) argumenta que a linguagem evolui à medida que seu usuário se insere em contextos históricos específicos. Refletindo sobre isso, os Surdos interpretam e recriam significados em interação com seu universo social e cultural, enriquecendo o diálogo a cada novo encontro entre indivíduos com vivências similares.

Conforme Takaki (2018, p. 16), os educadores, enquanto intelectuais, emergem como mediadores que integram teoria e prática, revisando constantemente o ambiente de aprendizado para alinhá-lo com o contexto social de seus estudantes. Em uma era caracterizada por transformações globais aceleradas e um crescente fluxo migratório, torna-se crucial considerar o intercâmbio e a interseção cultural, linguística e identitária que ocorre tanto no plano individual quanto no coletivo, especialmente diante das mudanças sociais impulsionadas pelas "novas" mídias. Esta reflexão é particularmente pertinente para traduções de Libras.

Takaki (2018, p. 17) propõe um processo contínuo de exploração das histórias que moldam suas perspectivas de ensino, facilitando assim o engajamento em discursos alternativos e práticas que promovam uma coexistência harmoniosa com a diversidade. Nesse contexto, a adoção de uma postura crítica que questiona as convicções preestabelecidas, pavimentando o caminho para a elaboração de novos significados que transcendem os limites da educação formal. Essa abordagem é crucial para educadores Surdos, frequentemente instrutores de Libras, e tradutores-intérpretes em formação, que

ISSN: 2358-8829

devem reconhecer a existência e relevância das relações translinguísticas no processo educacional e bilíngue de Libras, bem como nas interações informais entre Surdos e ouvintes.

Os princípios dos letramentos críticos oferecem uma metodologia pedagógica enriquecedora para a Comunidade Surda, incentivando a negociação de significados e discursos, a compreensão das dinâmicas entre conhecimento, poder e diferença, e a capacidade de navegar por incertezas e ambiguidades, transformando informação e conhecimento ativo em engajamento social.

Os estudos sobre letramentos, incluindo novos letramentos e multiletramentos, e, em particular, os letramentos críticos, contribuem significativamente para a expansão de perspectivas pedagógicas. Essas abordagens se apresentam como propostas pedagógicas que incorporam considerações filosóficas, educacionais e culturais, reavaliando o significado de ser alfabetizado na contemporaneidade, em meio às mudanças decorrentes da globalização e do avanço da comunicação e linguagem através da tecnologia digital (MONTE MÓR, 2018).

Neste contexto, verifica-se que, sob um prisma teórico e aplicado, existe um campo fértil para a incorporação de práticas críticas nas dimensões pedagógicas e acadêmicas de instituições educacionais, as quais estão em constante diálogo com as Comunidades Surdas, usuárias de Libras. Os Surdos são encorajados a refletir sobre seu processo educacional, buscando aprimorar seus meios de comunicação e as abordagens para a negociação de significados no decorrer de seu desenvolvimento contínuo.

Desse modo, torna-se imprescindível atender às demandas contemporâneas, enfatizando a capacidade dos sujeitos Surdos de engajar-se de maneira crítica e inovadora nas interações sociais. Menezes de Souza (2011) argumenta que “equipar aprendizes para enfrentar e compreender a diversidade torna-se uma meta pedagógica urgente e pertinente, alcançável por meio do letramento crítico”. Entre as diversas abordagens para essa prática social, o autor revisita e destaca o caráter temporal, histórico, político e ético do letramento crítico na formação educacional.

A geração de significados ocorre sempre dentro de um contexto sociocultural e histórico específico, refletindo as particularidades de determinadas comunidades e seus legados. A autenticidade de cada construção de significado de uma comunidade, portanto, é contextual e temporal, dependendo das circunstâncias históricas e sociais daquela coletividade (MENESES DE SOUZA, 2011).

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de letramentos são essenciais ao se traduzir literatura, pois envolvem uma compreensão profunda das práticas socioculturais e linguísticas que moldam tanto a língua de origem quanto a de destino. O conceito de letramento vai além da simples decodificação de palavras; ele abrange a capacidade de interpretar e produzir significados dentro de contextos culturais específicos. Ao abordar a tradução literária através dos letramentos, o tradutor se torna consciente das nuances, conotações e valores que as palavras carregam em diferentes culturas, o que é crucial para preservar o espírito e a intenção original da obra.

Ao construir um pensamento metafórico, pode-se imaginar a tradução como uma tecelagem de fios de diferentes cores (as diversas culturas e contextos), onde cada fio representa um elemento do letramento que precisa ser cuidadosamente entrelaçado para criar um tecido (a obra traduzida) que mantenha a sua integridade e beleza original. Nesse sentido, a tradução literária, iluminada pelos estudos de letramentos, não é apenas um ato de transposição de palavras, mas uma recriação cultural que demanda sensibilidade e um profundo conhecimento das práticas letradas envolvidas.

Autores como Paulo Freire (1981), com sua concepção de letramento como prática social e Walter Benjamim (1923), com sua visão da tradução como um processo de transformação que enriquece tanto o original quanto a tradução, oferecem fundamentos teóricos para entender a complexidade envolvida nesse processo. A teoria de Benjamin, que vê a tradução como uma forma de vida do texto original, sugere que a tradução iluminada pelos letramentos pode ser vista como uma nova "encarnação" da obra, que precisa ser vivida dentro de outra cultura e outro tempo, sem perder sua essência.

Assim, os estudos de letramentos contribuem para a tradução literária ao fornecer ferramentas que permitem ao tradutor intérprete de libras navegar pelos complexos territórios culturais e linguísticos, garantindo que a obra traduzida chegue ao público alvo, os indivíduos Surdos, e, continue a ressoar com o mesmo poder e profundidade que a original.

REFERÊNCIAS

_____. *A Tarefa do Tradutor*. Trad. Susana Kampff Lages. Manuscrito, apêndice da tese: Walter Benjamin: Melancolia e Tradução. PUC-SP, 1996.

_____. *Escritora Conceição Evaristo recita poema para Marielle Franco.* G1 Globo Comunicações e Participações, 2018. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-

ISSN: 2358-8829

janeiro/rj2/video/escritora-conceicao-evaristo-recita-poema-para-marielle-franco6585946.ghtml. Acesso em 30 de agosto de 2024.

BAKHTIN, M. M., *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. Editora Cortez, 1981.

LACERDA, C.B.F., CAPORALI, S.A., LODI, A.C., *Questões preliminares sobre o ensino de língua de sinais a ouvintes: Reflexões sobre a prática*. São Paulo, abril, 2004, p. 53-63.

LAKOFF, G., JOHNSON, M. *Metáforas da Vida Cotidiana*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LAKOFF, G., JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MONTE MÓR, W. M. *Crítica e letramentos críticos: Reflexões preliminares*. In: HILSDORF, C. R; R.; MACIEL, R. F. (Orgs.) Língua estrangeira e formação cidadã: Por entre discursos e práticas. 2ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2015, p. 31- 50.

MONTE MÓR, W. M. *Letramentos críticos e expansão de perspectivas: Diálogo sobre práticas.* In: MARTINEZ, J. Z; JORDÃO, C. M; MONTE MÓR, W. M (Orgs.). Letramentos em prática na formação inicial de professores de inglês. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018, p. 322-323.

ODA, A. M. G. R. (2007). *O banzo e outros males: o páthos dos negros escravos na Memória de Oliveira Mendes*. Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental, 10(2), pag. 348.

PENNYCOOK, A. *A linguística aplicada nos anos 90: Em defesa de uma abordagem crítica.* In: SIGNORINI, I., CAVALCANTE, M. (Orgs.) Linguística aplicada e transdisciplinaridade. Tradução de Denise Bertóli Braga e Márcia Cecília dos Santos Fraga. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 28-37.

SILVA, S. B., SOUZA, M. A. A., ZACCHI V. J. *Transversalizando o ensino de línguas*. São Paulo, v. 20, n. 1, p. 67-79, jan./abr. 2018.

SOUZA, L. M. T. M. *Para uma redefinição de letramento crítico: conflito e produção de significado*. In: Maciel, R. F.; Araújo, V. A. (Orgs). Formação de professores de línguas: Ampliando perspectivas. Jundiaí: Paco Editorial, 2011, v.1, p. 1-8,132.

TAKAKI, N. H. *Os intelectuais como professores: elaborações preliminares para estudo de matérias sobre imigração atual na mídia brasileira.* In: Monte Mór, W. M; Martinez, J. Z; Jordão, C. M (Orgs.). Letramentos em prática na formação inicial de professores de inglês. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018, p.15-17.

TAKAKI, N. H. *Letramentos na sociedade digital: navegar é e não é preciso*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

ISSN: 2358-8829

ZACCHI, V. J.; STELLA, P. R. (Orgs). *Novos letramentos e cosmopolitismo na formação de professores de línguas estrangeiras.* Maceió: EduFAL, 2014, p. 137-160.